

Alice em um país *nonsense*

LOBO, Alice Almeida¹

PORTELA, Andrea Lomeu²

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um projeto em design de moda que utilizou o método de interseção, que consiste na escolha de dois temas a fim de encontrar elementos comuns entre ambos para criar uma coleção de moda com caráter original. O primeiro dos temas abordados será Alice no País das Maravilhas, um livro do período vitoriano que criticava sutilmente o sistema vigente, além de abordar um tipo de escrita *nonsense* de Lewis Carroll e como sua personalidade interferiu em sua forma de escrever. O segundo tema é o movimento punk da década de 1970, como ele iniciou na década anterior, e como sua estética era apresentada como forma de protesto. Destacamos ainda, a estilista Vivienne Westwood considerada a rainha do punk. Características como o deboche, a loucura, e a falta de sentido foram abordadas como encontro dos elementos que resultaram na coleção Alice em um País *Nonsense* e que foi apresentada no desfile Sonhos e Devaneios, no ano de 2017.

Palavras-chave: Design de Moda. Alice no País das Maravilhas. Punk.

Abstract: The purpose of this paper is to present a fashion project that use intersections method, that consists in chose two different themes and find common elements between them and, resulting in creation of an original fashion collection. The first approached subject is Alice in Wonderland, a book from the Victorian period that subtly criticized the current system, using Lewis Carroll's surreal model of writing and how his personality interfered in his form of writing. The second subject is the 70's Punk movement, how it began in the previous decade, and how its aesthetic was presented in form of protest. Highlighting the stylist Vivienne Westwood, considered the punk queen. Traits as debauchery, madness, and the lack of sense were approached as the encounter of the elements that resulted in the collection "Alice in a Nonsense Country", which was present in the fashion show Sonhos e Devaneios in the year 2017.

Keywords: Fashion Design. Alice in Wonderland. Punk. *Nonsense*.

¹liccalobo@hotmail.com

²portela.andrea@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este é um projeto de design, de caráter experimental, que tem como método o uso de temáticas compostas para encontrarmos pontos em interseção, para que a partir destes possamos explorar formas, texturas, cores e outros elementos para a criação e produção de uma coleção de moda com características definidas.

Os temas escolhidos serão **Alice no País das Maravilhas**, livro lançado em 1965, pelo autor Lewis Carrol, e a estética do movimento punk, que foi um movimento de contracultura nas décadas de 1960 e 70, com característica visual marcante a fim de criticar a sociedade e a política da época.

Nossa proposta é utilizar áreas distintas da arte, como moda, música e, claro, a literatura, como referências para transformá-las em roupa. O interessante da união dos temas é apresentar como a literatura pode ser somada a uma estética específica e ser transformada em representação visual diferenciada e coerente.

No primeiro momento, veremos o tema: **Alice no País das maravilhas**. Um livro de grande relevância no período vitoriano, pois apresentava sutilmente uma crítica a sociedade e a rainha. Conta as aventuras da menina curiosa após entrar em um mundo subterrâneo pela toca de um coelho. Depois, tratamos por caracterizar a forma de escrita do autor, a literatura nonsense.

Em seguida, apresentamos o movimento punk, abrangendo desde seu nascimento despretensioso na década de 1960 até sua explosão em 1975, como forte crítica política representada, principalmente, através das roupas e da música. E, destacando Vivienne Westwood, considerada rainha do punk.

Lewis Carrol foi uma das inspirações para esse trabalho, ele escreveu um dos principais livros infantis conhecidos. Porém, contextualmente, talvez não sendo tão infantil assim, seu caráter nonsense cativou várias culturas. Outros autores como Daniel Rodrigues (2012) e a autora Patrice Bollon (1993), foram fundamentais para o desenvolvimento do segundo tema, direcionando a pesquisa com mais precisão.

Ao contar a história, foi utilizado principalmente o livro de Carrol, do qual buscamos representar os diálogos, além dos filmes *Alice no País das Maravilhas*, em sua primeira versão, produzida em 1903, ainda em cinema mudo, e a mais famosa versão da Disney, também com o mesmo nome, de 1951, em animação.

2 AVENTURAS DE ALICE

Nascido em Cheshire, Inglaterra, em janeiro de 1832, Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido por seu pseudônimo Lewis Carrol, é autor de uma das mais reconhecidas obras do séc. XIX: **Alice no País das Maravilhas**, publicado em 1865, para a filha de seu amigo Christ Church, tendo sua continuação publicada em julho de 1898, **Alice Através do Espelho** (CARROL, 2010).

Charles Dodgson era introvertido, o que parece ter refletido em sua maturidade, tendo mantido características infantilizadas, vivia em um mundo de “fantasias e fantasmas”. Lewis Carroll pode ser compreendido quase como um alter-ego de Charles, “a existência de Lewis Carroll como possibilidade de expressão e consentida porta de salvação para sua esquizofrenia”, esta que pode ser considerada a inspiração de Carroll para a criação do livro, e das loucas histórias vividas por Alice (ANTUNES; SAMPAIO, 1978, meio digital).

Antunes e Sampaio (1978) apontam que a Inglaterra Vitoriana (1830 - 1901) ainda vivia vestígios das guerras Napoleônicas, havia uma imagem burguesa de conforto e moral, e exigiam que as classes inferiores seguissem suas regras. O poderio da rainha Vitória era constantemente criticado por escritores, que buscavam transcender sua hipocrisia, já que pregava a subordinação da mulher ao homem, mesmo sendo uma mulher no cargo mais alto da sociedade inglesa.

Em contraponto, fora dos referenciais hegemônicos, nascia uma literatura mais romântica, entre a qual, um dos nomes mais conhecidos e representativos passou a ser o de Lewis Carroll.

O período vitoriano foi um momento de grande produção literária em vários aspectos. A literatura da época se dividia basicamente em duas formas de escrita, a literatura didática, que era aplicada para ensinar o máximo de conhecimento possível em variados assuntos; e a literatura crítica, que era utilizada para julgar a sociedade da época. Apesar dos avanços tecnológicos e científicos do momento, no aspecto comportamental, prevalecia a noção de recato moral. Brito (2015) diz que mesmo Carrol, a princípio, não se encaixava em nenhum desses dois modos de escrita, se for estudado a fundo, sua escrita para entretenimento infantil era também uma crítica aos moldes ingleses.

2.2 COMO NASCE A HISTÓRIA

Alice no País das Maravilhas é um livro escrito em 1862, por Lewis Carrol para sua adorada Alice Liddell, filha de um casal de amigos. Tendo como nome original *Alice's Adventures Underground - As Aventuras de Alice no Subsolo* (1862), mudado o nome após três anos, em 1865, quando foi publicado, para o título que conhecemos atualmente.

Com milhares de reedições, mais de cinquenta vezes reproduzidas em filme, os mais conhecidos são os da Disney, produzido em 1951. E o mais recente, reproduzido pelo diretor Tim Burton em 2010, contendo a sequência: **As aventuras de Alice através do Espelho**, lançada em 2016 (OSWALD, 2016).

A história original de Carrol fala de uma menina entediada em seu jardim, quando viu passar por ela um coelho branco com um colete e um relógio de bolso. A menina curiosa seguiu o coelho e acabou por entrar em sua toca, pela qual a arremessou em uma queda tão grande que parecia atravessar a terra.

No final da toca, encontrou-se em um salão cheio de portas, com uma mesa sobre a qual se encontrava apenas uma chave pequena e dourada. Ao procurar o que poderia ser aberto com aquela chave, achou uma porta pequenina. Porém, a garota era grande

demais para passar por ela. Ao voltar à mesa, percebeu que havia um vidro pequeno escrito “beba-me” (CARROL. 2010. p.18), ao verificar que não havia o aviso de veneno, decidiu provar, e como mágica, diminuiu sua altura de forma que poderia passar na porta, quando foi de encontro a ela, percebeu que estava trancada e que havia deixado a chave em cima da mesa.

Frustrada, sentou-se no chão, quando percebeu que havia uma caixinha com um bolo escrito “coma-me” (CARROLL. 2010, p.21), e ao comer cresceu tanto que bateu no teto do salão, o que deixou a garota muito triste, pois assim não poderia passar pela porta, então a menina começou a chorar. Quando encontrou novamente a pequena garrafa, e mediando o liquido e o bolo, para que voltasse ao seu tamanho normal.

Outras façanhas também acontecem enquanto a menina estava no país das maravilhas, Alice diminuiu seu tamanho ao abanar-se com um leque, nadou em um rio feito por suas próprias lágrimas, conversou com animais dos quais nem sabia que era possível conversar, e seguia curiosa perseguindo o coelho. Ficou presa na casa do coelho por crescer demais. E já não se reconhecia por ter mudado tantas vezes.

Algumas passagens curiosas e personagens marcantes, como por exemplo, o encontro de Alice com uma lagarta em cima de um cogumelo, este cujo lateral tinham poder de fazer a menina crescer ou diminuir.

Outra passagem muito representativa da história é o encontro de Alice com o Gato de Cheshire, em que ocorrem os diálogos mais curiosos do livro, como:

- Mas não quero me meter com gente louca, Alice observou.
- Oh, é inevitável, disse o gato; somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.
- Como sabe que eu sou louca? Perguntou Alice
- Só pode ser, respondeu o Gato, ou não teria vindo parar aqui (CARROL, 2010, p.77)

E após o encontro com o Gato, seguiu caminhando pela floresta, onde encontra com outro personagem muito característico da história: O Chapeleiro Louco. E junto a

outros personagens, se preparava para tomar chá, típico hábito inglês, em meio a vários assuntos curiosos e sem sentido, Alice levantou-se e foi embora.

Já no meio da floresta entrou em uma porta que dava novamente no mesmo salão em que chegou quando caiu na toca do coelho. E, decidida a entrar na pequena porta pegou a chave e, mediando os pedaços de cogumelo que havia guardado em seu bolso, comeu, ficando novamente diminuta. Então, passou pela porta pela qual entrou em um jardim.

Encantada com o jardim cheio de rosas brancas viu alguns guardas pintando as rosas de vermelho e, ao perguntar-lhes o porquê da pintura, disseram que plantaram as flores brancas por engano, e se caso a rainha descobrisse, seriam decapitados. E, logo em seguida entraram soldados em formatos de cartas de baralhos, uns convidados, os reis e rainhas e, por último, o rei e a Rainha de Copas. Pouco depois Alice estava jogando croqué³ com a rainha, que tinha o temperamento instável e insistia em repetir “cotem-lhe a cabeça” (CARROLL. 2010. p.96) a todo o momento em que se sentia irritada, o que era uma constante.

Nesse momento, a história segue com alguns acontecimentos que, no final, esbarram com a Rainha novamente, em uma cena de julgamento em que voltam a aparecer os personagens mais marcantes do livro: o Coelho Branco, o Chapeleiro e o Gato de Cheshire. Nesse momento, Alice volta a alterar seu tamanho e após discussões no tribunal sobre testemunhos e culpa, a menina vê o baralho de soldados voando em sua direção, e no mesmo instante percebe que tinha acabado de acordar no colo de sua irmã, no jardim de casa.

2.3 O CARÁTER *NONSENSE* NA LITERATURA DE LEWIS CARROLL

³ Mais conhecido como croquet, é um jogo de recreação que constitui em golpear bolas de [madeira](#) ou [plástico](#) através de arcos encaixados no campo de jogo. Fonte: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Croquet>>. Acesso em: 29.mar.2017.

O que seria verdade e o que seria ficção? É interessante observar como a ficção e a realidade se misturam nessa obra tão conhecida, desde sua origem e despertando tantas outras versões, que ainda chama a atenção de muitos admiradores.

Vivian Oswald (2016, meio digital) diz que cada parte da história faz referência a algo relativo à sociedade da época e que Carrol retratou no livro uma forma de desconstrução do que era vivido para divertir as meninas Liddell. E que o livro foi analisado por várias visões de acordo com o momento da sociedade e, em cada uma delas, uma nova interpretação surgia.

Na década de 1930, entrou em ação a psicanálise freudiana para interpretá-lo e tentar descobrir tudo o que podia estar por trás do texto. Na de 1960, o mundo das maravilhas foi encarado como uma grande viagem psicodélica observada num momento em que a sociedade se via diante do avanço do LSD. Em 1990, foi a vez de especialistas cogitarem a possibilidade da pedofilia, de as fantasias de Carroll estarem ligadas a uma perigosa e excessiva proximidade com as crianças (OSWALD, 2016, meio digital).

Vasconcelos (1998. p.36), quando fala sobre uma escrita a que chama *nonsense*⁴ ou não-sentido, a justifica como uma forma surreal de fazer sentido, mostrando a perspectiva do autor em relação à sociedade, seria um “protesto subjetivo”, como uma crítica não criticada. Uma oposição ao sentido consensual, estabelecendo limites entre o real e o irreal, a sanidade e a loucura. O nonsense representa a possibilidade de descrever algo cotidiano como surreal, transmitindo a inconsistência da realidade, interligando um paralelo entre o físico e o inconsciente.

O nonsense é uma forma de comunicação que extrapola o convencional porque “comunica sem utilizar os modelos convencionais (...), como uma espécie de saber

⁴Comportamento, discurso ou frase sem coerência, desprovido de sentido; sem significação; disparate. Filme ou texto narrativo que contém muitas circunstâncias ou situações absurdas. Comportamento que se opõe ao bom senso. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/nonsense/>>. Acesso em: 01 abr.2017.

visionário, tomou consciência da inoperacionalidade dos processos de comunicação vigentes” (VACONCELOS, 1998, p.46).

Para a autora, a história nada mais é do que um monólogo interno de uma garota com seus pensamentos, que são exteriorizados através de diálogos com animais e objetos (VASCONCELOS, 1998. p.37).

Carrol elabora um jogo de palavras com o objetivo de criar frases ambíguas, criando uma ideia de que algo pode ser o que é ao mesmo tempo de ser algo que não é, como os objetos, que na história são animados e estabelece conversas com a menina (VASCONCELOS, 1998). “Carroll, [...], faz um verdadeiro jogo de linguagem ao descrever as aventuras de Alice, e essa brincadeira com as palavras acaba por romper com a lógica dos fatos e da própria língua” (KLEIN; FORNECK. 2015. p.57).

O nonsense de Carrol é identificado ao transformar coisas cotidianas em coisas absurdas, por exemplo: era habitual que homens usassem relógios de bolso, mas um coelho? E, ainda por cima, um coelho de colete, que continuamente reclamava por estar atrasado.

Como entender que uma menina possa mudar seu tamanho ao comer ou beber algo? E é possível ela chorar tanto estando grande, e que ao se tornar pequena consiga nadar em suas próprias lágrimas? Além das loucas conversas que mantém com animais e plantas.

No início da história, Alice aparece com sua gata de estimação, a Dináh, mas no meio do livro ela encontra com um gato na floresta, que tem a capacidade de sumir e aparecer gradualmente, além de conversar com a menina de modo irônico. Ao indicar um caminho, sugere que a menina seja louca e que todos os seres que ela conheceu ou conheceria ali também seriam doidos, porque aquele universo não pertencia aos seres normais.

É um habito inglês o chá das cinco, mas no livro, todos os personagens sentados à mesa do chá são insanos, com diálogos fora do padrão.

Como rosas podem ser pintadas com tinta? E por guardas que são na verdade cartas de baralho? Além de satirizar a rainha, uma autoridade que também é apresentada como insana e constantemente irritada. Uma rainha deselegante, ao contrário do que se espera do cargo.

São coisas que apenas na cabeça de Carrol poderiam surgir, coisas completamente sem sentido, mas que fazem jus à criatividade da história. Há muitas formas de justificá-las, mas uma coisa pode ser concluída: o não sentido é um argumento curioso e interessante sobre Carrol.

E alguns pontos de sua história também nos remetem a outro movimento, que também acontece na Inglaterra e satiriza a monarquia.

3 ESTÉTICA PUNK: DO PAÍS DA RAINHA PARA A MODA

O termo punk foi visto pela primeira vez com significado semelhante ao atual no século XVII “usada para adjetivar alguém repulsivo e abjeto [...], na peça **Medida por medida** de William Shakespeare, escrita em 1603” (RODRIGUES, 2012, p. 26).

“Depravados, sombrios, transviados, arrogantes, desprezíveis, grosseiros, tediosos, sórdidos, transgressores, zumbis, chapados, monossilábicos, vis, estúpidos, sujos, irremediáveis, espalhafatosos, torpes, minimalistas” são adjetivos que Daniel Rodrigues (2012, p.41), o autor do livro **Anarquia na passarela**, emprega como possibilidades de descrever o que eram os Punks.

Movimento de contracultura⁵ que se inicia em meados da década de 1960, junto com outros movimentos jovens e outras subculturas⁶ da época, aconteceu como uma forma de rebelião ao conhecido *American way of life* (estilo de vida americano) que

⁵Contracultura pode ser entendido como um movimento de contestação de caráter social e cultural. Fonte: Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/contracultura.htm>>. Acesso em: 29.mar.2017.

⁶ É um conjunto de particularidades culturais de um grupo que se diferencia do modo de vida dominante sem se desprender dele. Fonte: Disponível em: <<http://conceito.de/subcultura>>. Acesso em: 29.mar.2017.

pregava uma ideia ilusória de perfeição. Os Punks eram jovens insatisfeitos com o sistema. Podemos considerar dois momentos do movimento, o inicial em Nova York, na década de 1960, e o mais conhecido no ano de 1975 em Londres (RODRIGUES, 2012).

3.1 O BERÇO TRANSGRESSOR NA POLÍTICA E NA MÚSICA

Inicialmente o movimento não tinha ligação com política ou música. Pode ser resumido a um grupo de jovens que se reuniam em locais como a *Factory*, ateliê do artista plástico Andy Warhol. Jovens fora do padrão, descontentes com o sistema e desinteressados por convenções sociais. Foi um momento de exploração artística, no qual a política não parecia ter tanta importância, se tratava de um ideal de vida, diferenciado de outros movimentos do mesmo momento, “o punk era o oposto do hippie” (RODRIGUES, 2012, p.32).

Na Inglaterra, o punk apareceu com mais voracidade, a Europa estava vivendo um momento de crise econômica, os jovens não tinham emprego, se encontravam totalmente descontentes com a sociedade pela opressora, e encontraram no punk uma “válvula de escape” (RODRIGUES, 2012, p.41).

O punk aparecerá para quebrar as fronteiras estéticas e filosóficas. Jogavam com a carnalidade e o sexual. Era uma eterna brincadeira entre agredir o bem, o belo e o racional, com a loucura e a maldade. Tudo que a sociedade procurava esconder estava explodindo ali, bem diante dos olhos deles, o punk passou a ser encontrado em toda esquina. “Em cada dia via aparecer um novo grupo punk, mais violento e mais perverso ainda do que os precedentes” (BOLLON, 1990, p.135), “e não adiantava desviar os olhos! Ou se assumia o punk, ou se odiava o punk” (RODRIGUES, 2012, p.42).

Agora a música chegava como o espelho do movimento, como a expressão daquela vivência. É assim que Malcolm McLaren aparece, um empresário e produtor que decidiu apresenta à Inglaterra o punk Nova Iorque, havia trazido artigos punks de suas

viagens e vendia em sua loja, a Sex. Podendo ser representada como uma introdução ao punk, “a Loja Sex tinha uma ideologia definida, o lance não era vender coisa nenhuma, era criar uma atitude” (MCLAREN apud RODRIGUES, 2012, p. 43).

O interesse do empresário Malcolm McLaren pelo New York Dolls fez nascer na Inglaterra, em 1975, o Sex Pistols, banda produzida por ele, que explodiu nas ruas de Londres. A banda era o maior símbolo do protesto punk, eram sujos, vulgares e traziam em suas letras uma ironia completamente antissocial. “Criticavam tudo e o contrário de tudo e afirmavam desprezar até o Rock” (BOLLON, 1990, p.135).

Diziam os integrantes da banda “nossa meta é o caos, e não a música”, e não faziam música, faziam barulho. Com *riffs* simples, seu som era considerado quase minimalista, mas tocada em alturas absurdas, num ritmo acelerado. Tinha propriedade e personalidade (RODRIGUES, 2012).

Quanto à música, ela era apenas agressão, violência, ataque sem objetivo, simples crispação, pulsação, convulsão doentia: barulho puro, surgido de uma boca de sombra e vazio. Quanto mais tocavam mal, quanto menos sabiam tocar, mais pareciam gostar. (...), eles berravam, zurravam, vituperavam, arrotavam e vomitavam no mundo as palavras mais estúpidas, mais vazias e sem sentido que conseguiam (BOLLON, 1990, p. 133).

Patrice Bollon (1990) aponta que o punk era vulgar e agressivo. Os sonhos dos jovens eram o oposto do que sonhavam os pais, eles procuravam a depravação, a ofensa. E a banda representava isso com autoridade.

A Inglaterra vivia um momento de instabilidade na economia, uma crise que afetava toda a Europa. O desemprego havia aumentado e a maioria dos jovens que, momentos antes possuíam emprego, agora não tinha mais, e isso causou um grande desconforto. “Fim dos anos 1960, sobretudo depois do choque do petróleo, em 1973, os europeus assistiram a maior escalada do desemprego já registrada desde o final da Segunda Guerra Mundial, porém agora seriamente agravada” (RODRIGUES, 2012, p.46).

Os níveis elevados de desemprego e a inflação alta, junto à baixa remuneração, afetaram a sociedade e o poder de compra. Rodrigues (2012) aponta que com fatos como esse era imprescindível que o Punk surgisse como um ataque ao sistema, criando uma revolta jovem que se espalhou por cidades, e outros centros urbanos, e que evidenciou a raivados jovens que ansiavam por brigas, drogas e qualquer coisa que funcionasse como meio de expressão de suas revoltas. “As reivindicações por um individualismo e por singularidade faziam com que esses esnobes malucos se interessassem por tudo que fosse de ‘mau gosto’” (RODRIGUES, 2012, p.49, grifo do autor).

O principal fator que tornou o punk inglês mais representativo do que o movimento nova-iorquino, era a consciência de que o punk se tornara uma revolução cultural. McLaren tornou o punk um empreendimento, mas que foi transformado em um símbolo de um grupo social, um estilo visual e uma forma de música (RODRIGUES, 2012).

3.2 A APARÊNCIA DA TRANSGRESSÃO

Como na música, o estilo era planejado com a intenção se chocar. Roupas em sua maioria pretas ou brancas, com poucos detalhes em cor, quase sempre com cabelos moicanos espetados. Suas peles pareciam doentes, não tinham o hábito de sair ao dia, viviam como vampiros. E utilizavam materiais alternativos para representar sua revolta (BOLLON, 1993).

“Os punks, através de suas roupas, queriam demonstrar [...] sua tamanha insatisfação com o sistema vigente inglês” (BORTHOLUZZI, 2015, p.1).

Seus acessórios eram montados por eles próprios, utilizando os materiais mais curiosos e absurdos como fios de arame, correntes com pregos, “crucifixos e caveiras em metal escurecido, [...] bem como giletes, anéis, cadeados, chupetas e alfinetes de fralda amarrados como um rosário”. Estampavam em suas roupas sinais chocantes, e palavras infelizes, como “tédio”, “ódio”, “guerra”. Mostravam a imagem de um futuro triste

e sem esperança, “se o futuro se aprecia com eles, melhor para todos que não tivesse nenhum” (BOLLON, 1990, p.127).

Suas roupas andavam constantemente sujas e com rasgos remendados com alfinetes, esses que penduravam em suas orelhas e, às vezes até em partes do rosto. Giletes também eram usadas como colares, assim como, pregos eram enfiados em suas roupas e cintos (BOLLON, 1990).

As mulheres eram vulgares, sempre muito maquiadas com olhos borrados de pretos, normalmente com maquiagens baratas e bocas sempre coloridas de vermelho, roxo ou azul. Quem as via, remetia momentaneamente a um *sex shop*, já que as moças usavam meias rasgadas presas por suas ligas, com espartilhos e decotes tão justos que quase mostravam os seios, junto com saias extremamente justas. Andavam sem nenhuma elegância e completamente sem modos, era o oposto do que era esperado de uma mulher (BOLLON, 1990).

Existia um ideal fetichista retirado de filmes pornográficos, onde as moças apareciam com “meias arrastão, sapatos pontudos, saltos agulha, lingerie aparentes, espartilhos, alfinetes, capas de borracha, etc.” (RODRIGUES, 2012, p.71). O que era visto muito em Nancy Spungen, namorada de Sid Vicious, vocalista do Sex Pistols, aparecia como influência nas ruas.

Os materiais usados nas roupas eram sempre baratos, plástico e borracha eram comuns, assim como tecidos sintéticos, com tons escuros de cores como: vermelho, verde, roxo, rosa, e claro, o mais comum: o preto (BOLLON, 1990).

A aparição de um jovem punk era quase sempre teatral, sentiam prazer no exagero, usavam roupas tão torpes, que não era comum nem mesmo o conforto (BOLLON, 1990).

Rodrigues (2012, p.26) diz que “era possível ver [...], uma agressão ideológica aos valores estéticos das classes dominantes e do próprio capitalismo”, faziam uso de drogas, das mais leves às mais pesadas. O que produzia uma imagem de

*junkie*⁷. Ridicularizavam a igreja católica com calças rasgadas na altura dos joelhos, pelo fato de ser comum ficar de joelhos nas cerimônias da igreja.

Também como sátira à sociedade, usamos artigos militares como coturnos, o camuflado comum nas fardas, mas ridicularizando os tons utilizados, como o verde-musgo e o marrom-terra. Junto com a ideia do lema *do it you self*, apareciam em estampas feitas por eles mesmos, com as palavras mais baixas que conseguiam encontrar, bem como, usavam casacos de couro com tachas, alfinetes e pregos pendurados (RODRIGUES, 2012).

O estilo punk é visto até hoje pontualmente em cidades, entretanto, depois que entrou nas passarelas da moda, não saiu mais, e hoje existem marcas e designers especializados na estética do punk. E através do punk, a Inglaterra se tornou referência de uma moda alternativa.

3.3 O PUNK SAI DAS RUAS PARA AS PASSARELAS

Considerada a rainha do punk, Vivienne Westwood iniciou sua carreira como estilista e sócia da loja Sex na década de 1960, que coincidiu com o início do movimento, era reconhecida por sua moda radical, e junto com McLaren, foi uma grande influência ao transformar o punk das ruas em moda de passarela. Ela montava os figurinos absurdos da Sex Pistols, que trazia ousadia e inovação, “Vivienne Westwood estava essencialmente ligada ao punk quando começou sua carreira na moda, criando roupas com essa estética, sempre contestando a sociedade” (BORTHOLUZZI, 2015. p. 6).

Tendo sido inspirada por designers como Dior, Chanel e Schiparelli, sua moda era absurda, e mesmo gostando da adaptação de peças masculinas para o feminino, via o ideal de beleza feminina na silhueta de Dior, com a cintura marcada e o busto definido. Palomo-Lovinski (2010) aponta que Westwood conseguia exprimir a feminilidade e a

⁷Termo comum para definir viciados em drogas principalmente a heroína ou viciados em algum assunto específico. Tem a ver com o submundo dos vícios, como um estilo de vida. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/junkie/>>. Acesso em: 01.abr.2017.

sensualidade através de suas criações. “Eu nunca achei poderoso parecer um homem de segunda. A feminilidade é mais forte, e eu não entendo por que as pessoas continuam engolindo esse corpo assexuado enfadonho” (WESTWOOD apud PALOMO-LOVINSKI, 2010, p.142).

Após ter feito fama com o punk junto a McLaren, em 1982, a dupla se separou e, no mesmo ano, a coleção Punkature de Westwood desfilou em Paris mostrando um novo ideal para sua marca, com saias-tubo e recortes assimétricos. “A partir de 1987, a estilista trouxe o xadrez, os tweeds, os espartilhos e os sapatos com salto gigantescos” (BORTHOLUZZI, 2015b).

Mesmo após se desligar do punk, esse estilo não deixou de ser visível em suas coleções. Posteriormente, continuou a ser visto em suas criações, a sensualidade do punk, sobretudo como peças íntimas sendo usadas como peças principais, que perdem sua delicadeza e se tornam agressivas.

Compreendendo o toque do tecido no corpo como algo sensorial, Westwood acredita que o que vestimos tem relação direta com a nossa percepção. Palomo-Lovinski (2010. p.142) aponta a proposta de Westwood como uma nova concepção de feminilidade “domine sua sexualidade e deleite-se na noção de diferença e individualismo”.

Bortholuzzi (2015. b) considera que “ao analisarmos o movimento punk e o trabalho da estilista Vivienne Westwood, resta claro que os traços desse movimento, mesmo que às vezes mais apagados, estão visivelmente presentes no trabalho dela”.

“Nos últimos anos as coleções de Westwood se tornaram cada vez mais politizadas, abordando assuntos governamentais, aquecimento global e ativismo ambiental” (PALOMO-LOVINSKI, 2010. p.143).

Vivienne foi uma grande influência no movimento punk, por conseguir transmitir a cultura do movimento através de suas coleções, e mesmo tendo se desligado do punk

no início da década de 1980, traz os símbolos em todas as suas coleções (BORTHOLUZZI, 2015b).

Para Patrice Bollon (1990, p.145), o punk foi um grande divisor de ideias, uma “passagem entre duas ‘épocas’”. O punk nunca desapareceu, entretanto diminuiu o seu poder visual, trazendo-o à normalidade e dando vez para outros movimentos culturais como o pós-punk⁸ e o *New wave*⁹.

Compreendemos a moda como uma forma de expressar o que se pensa, vive e sente, e é interessante como o punk conseguiu ser uma crítica apenas por seu visual, esse estilo é considerado por alguns autores, como Daniel Rodrigues (2012), em seu livro **Anarquia na Passarela**, como uma das formas visuais mais marcantes que se conhece.

Como formas alternativas de comunicação, vemos que tanto o punk quanto o livro de Carrol utilizam a falta de sentido para serem ouvidos, e isso podemos mostrar melhor a seguir.

4 ALICE EM UM PAÍS NONSENSE

A história da menina Alice apresenta uma aventura de uma criança curiosa que não sossega em seu lugar e, graças a isso, ela conhece novos seres e explora um mundo desconhecido: o subsolo.

⁸O termo Pós-punk, em música, refere-se a um [estilo musical](#) surgido na [Inglaterra](#) após o auge do [punk rock](#) em 1977. O estilo mantém suas raízes no punk rock, mas é mais introvertido, complexo e experimental. Fonte: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-punk>>. Acesso em: 01 abr.2017.

⁹*New Wave* é um gênero musical surgido em meados da década de 1970 ao lado do [punk rock](#). O termo *new wave* era considerado sinônimo do punk rock antes de se tornar um estilo musical independente, que incorporava elementos da [música eletrônica](#), [música experimental](#), [mod](#) e [disco](#), assim como o pop dos anos 60. Fonte: Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/New_wave_\(m%C3%BAsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/New_wave_(m%C3%BAsica))>. Acesso em: 01 abr.2017.

O subsolo é visto como um lugar divertido e ousado. Um universo completamente fora do padrão de regras no qual a menina realmente vivia, com seres animados que lhe despertavam interesse.

O mais interessante da história é que ela apresenta a loucura como algo normal e a partir de então a criatividade tem de ser explorada, já que mesmo a menina não conseguindo prestar atenção enquanto a irmã mais velha lhe ensina história, se mantém em um mundo particular. Isso encanta também a irmã, que deseja que a criança mantenha sempre seu coração infantil curioso.

A ironia na história é dizer que o nonsense de Carrol faz todo sentido quando se explora melhor o que ele pensava, por exemplo: Carrol conseguia entender que, na verdade, os animais têm muito mais a dizer do que parece. E que as pessoas loucas são pessoas que também têm algo a dizer, a história fornece um olhar positivo sobre a loucura. Talvez refletindo a própria loucura do autor.

A estética punk explode como crítica à economia e à sociedade inglesa no século XX. Em contrapartida, o livro de Lewis Carrol é uma sátira da mesma sociedade, um século antes.

Ambos transgressores, o livro apresenta imagens como a ridicularização da pontualidade inglesa, com o coelho sempre atrasado; o deboche ao chá das cinco horas, quando na mesa se encontram um bando de loucos; e, até mesmo, no precioso croqué inglês e a rainha, com uma imagem de instabilidade e agressividade.

Enquanto os punks enfatizam a ironiza à religiosidade e ao militarismo. Os jovens precisavam de um lugar para se expressar, e o punk foi resultado dessa necessidade, sua loucura repreendida refletiu em um novo estilo que transformou as roupas e a música em uma forma de crítica à sociedade inglesa.

É na falta de espaço de expressão para os jovens é que vemos nascer o punk. Usando ironia como arma crítica, o punk debochava de tudo que parecia certo e padrão.

E, jogando com a despadronização, as mulheres se transformaram em pura sexualidade, enquanto os homens eram uma grande transgressão dos hábitos.

As roupas rasgadas, furadas, remendadas, com acessórios pesados e materiais alternativos, correntes, alfinetes, taxas, representações irônicas dos ícones ingleses, cabelos chocantes, maquiagens pesadas, roupas que agrediam os olhos de qualquer um que os visse, era a intenção do punk ser exagerado. Uma subcultura, vivendo nos subsolos da Inglaterra.

Dois universos diferentes, ambos insatisfeitos com o sistema inglês que mesmo em momentos diferentes, os levaram ao *underground*, subterrâneo em inglês, em que o termo é utilizado também para caracterizar subculturas, considerado algo para fugir da realidade, mesmo estando vinculados a ela.

O *nonsense* é o enlace dos temas, já que não se pode escapar da realidade, melhor seria moldá-la, transformá-la em algo surreal. E ambos o fazem, já que tanto os punks quanto Alice se comunicam em planos completamente fora do padrão e fora dos sentidos palpáveis, vivem em espaço paralelo estando na mesma dimensão da realidade. Uma viagem entre dois mundos.

Dessa forma, o projeto explorou o universo *nonsense* na coleção, o alternativo e o artístico, não deixando de lado o aspecto retrô, característica própria das criações da designer.

Entre algumas semelhanças, percebemos questões como: o *underground*, a loucura, a ironia, o deboche, a fuga da realidade, a despadronização e a crítica ao poder, através da figura da rainha e da sociedade inglesa. E, a partir delas, experimentamos materiais alternativos como faziam nos primórdios do movimento punk, como plástico, couro e metais. Sendo apresentados em uma coleção de vinte looks, procurando transmitir um pouco de cada tema através de cinco famílias de criações que formam a coleção e foram denominadas de *underground*, lúdica, deboche, *nonsense* e agressividade.

Dessas cinco famílias de quatro looks cada, um foi confeccionado para a realização de um desfile. Portanto, de vinte criações, cinco foram selecionadas, como podemos ver na Figura 1.

FIGURA 1 – Croquis escolhidos para serem confeccionados. Um de cada família, respectivamente



Fonte: A autora, 2017.

A primeira família underground remete à busca pela fuga da realidade, o subsolo (o *underground*). Com aplicações em camurça formando espirais que representam o momento que atravessa o espaço-tempo e abrem caminho para outra dimensão. Foram utilizadas as cores preto e branco, que também trazer um ar lúdico, quase infantil, aparecendo a trama que também apresentam esse aspecto lúdico. Elaborados plissados, como característica das tendências utilizadas como inspiração. Com modelagens A, em sua maioria, também remetem a temática retrô, característica da criadora. O brim é o tecido de base da coleção e a musseline traz leveza e representa o delírio nonsense.

A família lúdica traz a infantilidade como principal característica, com peças que caracterizam roupas de brincar, vistas nas peças inspiradas em jardineiras infantis. Trabalhamos a cor roxa pela mística e ludicidade, principalmente em acabamentos em viés, também aplicações em recortes de couro com aspecto mais “sujinho”, como características punks. Além das tramas, com aspecto de jogo. Leves rasgos na roupa transmitem a ideia da brincadeira, que lembram o aspecto infantil do livro de Carrol, além da rebeldia punk. Veremos peças em sua maioria de brim, com detalhes em couro e plástico.

A família deboche representa a crítica irônica em relação a pontualidade inglesa, entre os hábitos culturais. Modelagens com uma leve alfaiataria e com assimetria como uma leitura do deboche. A estampa em *silk* mostra um relógio sem ponteiros, como sátira à pontualidade, significando que assim não existe hora. As cores apresentadas são o preto, o roxo e o verde militar, também manifestando o deboche punk.

Já na família nonsense encontramos a representação formas não convencionais e que não fazem sentido. Entre as cores, o preto e o azul. O preto que representa o obscuro e o azul a tranquilidade, ligando dois opostos como o *sense* e o *nonsense*. O *Tye die* que mistura o preto e o azul é a mistura do sentido com a falta dele. Com peças em couro, trazem a ideia de peso, além de rasgos que são características da falta de sentido do punk, aparece também a musseline, que é a leveza em contradição com o peso do couro.

Na família agressividade temos um encontro entre os dois temas em características que absorvem ambos, nela vemos uma mulher forte e segura de si. Nas cores que transmitem poder: o vermelho e o preto. A sensualidade está presente em roupas transparentes que misturam volume na saia e peças justas ao corpo, bem como, recortes que valorizam as formas femininas, abordando também o trabalho de Vivienne Westwood. As aplicações em metal como taxas e fechamentos com amarrações de ilhoses, representam tanto o espartilho usado no período vitoriano quanto às lingerie que eram usadas pelas mulheres no movimento punk.

Em geral, as peças priorizaram a cor de base preta, elementos fortes no punk e no mundo de Alice. Além das cores branca, roxa, verde militar, azul lápis e vermelho, tons fortes que trazem peso para as roupas.

Entre os tecidos utilizamos brim e couro que representam força, e a musseline que traz contraste e tem a transparência como tendência de moda, além de usar o plástico como adaptação para roupa.

Nos designs de superfície têxtil exploramos aplicações de ilhoses tanto como ornamento quanto como amarrações, metais aplicados como taxas, *tye die*, acabamento com viés e plissado que também são elementos de tendência, tramas feitas de couro e plástico e aplicações de couro e camurça, estamparia em silk, rasgos na roupa e fechamento em zíperes aparentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro **Alice No País das Maravilhas** (2010) a principal característica é a literatura *nonsense* do autor, acompanhada de personagens curiosos encontrados na história da menina ousada. Essa ousadia representa a jovem autêntica e alternativa que é o público a que se destinam as criações.

Além da literatura, ressaltamos outras características dos personagens da história, tais como, a curiosidade, a loucura, o deboche, a agressividade, algumas delas utilizadas inclusive para dar nome às famílias da coleção, porque foram encontradas marcadamente nas formas absurdas da estética punk.

No segundo tema, observamos o deboche como principal peculiaridade, já que toda sua estética, sua música e seu ideal eram uma crítica voraz da sociedade inglesa e seus padrões. Deboche que também encontramos no primeiro tema, já que o livro traz uma crítica implícita aos hábitos ingleses e o poderio da rainha.

Os jovens punks usavam seu estilo visual para chocar, expondo assim sua não conformação com a sociedade, com a crise econômica e a falta de emprego. Além dos

cabelos coloridos com penteados exóticos, que ficaram conhecidos como porco-espinho, também usavam roupas rasgadas e materiais diferentes, incomuns para as roupas, mas que estiveram presentes na coleção como design de superfície têxtil, como o plástico e os metais que tanto caracterizam o estilo punk.

Exploramos elementos de design encontrados nos temas propostos para criar as famílias: underground, lúdica, deboche, nonsense e agressividade, que conversam diretamente como interesse da marca pelo *underground* e pelo visual pesado.

Outro ideal era trabalhar temáticas artísticas como forma de inspiração e criar peças com características jovens, com preço acessível, capazes de transitar entre personalidades diversas e possibilidades de eventos variados, contando também com aspectos retrô, visto na coleção com peças de cintura alta e silhuetas ampulheta e A, características das décadas de 1950 e 60, respectivamente.

Ao longo da pesquisa, encontramos características que se estabeleceram na interseção resultando em uma coleção de vinte croquis divididos em cinco famílias, das quais foi escolhido um look de cada uma delas, a serem confeccionados e apresentados no desfile Sonhos e Devaneios. O resultado é visto na Figura 2.

FIGURA 2 – A coleção sendo apresentada no Desfile Sonhos e Devaneios, jul. 2017



Fonte: A autora, 2017.

O resultado é uma moda alternativa, unindo literatura e movimento cultural para criar uma coleção condizente com a proposta estabelecida inicialmente sem perder a autenticidade da designer e trabalhando com um produto de custo médio, conferindo preço acessível e que traduz a necessidade do público jovem alternativo: comprar roupas de qualidade e diferenciadas.

REFERÊNCIAS

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS. Diretor: [Hamilton Luske](#), [Wilfred Jackson](#). Estados Unidos. Duração 1h15m. 1951.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS. Londres. Direção: [Cecil M. Hepworth](#) e [Percy Stow](#). Duração: 8min25seg 1903. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s0vHtm734ns>>. Acesso em: 21.mar 2017.

ANTUNES, António Lobo; SAMPAIO, Daniel. **Alice no País das Maravilhas ou a esquizofrenia conjurada**. 1978. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/1945>>. Acesso em: 08 fev.2017.

BORTHOLUZZI, Juliana. **A influência do movimento punk na moda: do underground até a alta costura, na circulação midiática dos editoriais de moda.** São Leopoldo/RS: Unisinos. 2015a.

_____. **A relação entre a moda, o movimento punk e sua rainha, Vivienne Westwood.** São Leopoldo/RS: Unisinos. 2015b.

BOLLON, Patrice. **A Moral da Máscara: Merveilleux, Zazous, Dândis, Punks, etc.** Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco. 1993.

BRITO, Bruna Perella. **Alice no País das Maravilhas: Uma crítica a Inglaterra Vitoriana.** São Paulo. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2015. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/BrunaBrito.pdf> Acesso em: 26.mar.2017

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas.** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.

KLEIN, Ana Emília. FORNECK, Kári Lúcia. **Nonsense e ironia em Alice no País das Maravilhas: uma análise da argumentação interna do texto.** Lajeado/RS: revista destaques acadêmicos, vol. 7, n. 2. 2015.

PALOMO-LOVINSKI, Noel. **Os estilistas de moda mais influentes no mundo: a história e a influência dos eternos ícones da moda.** Tradução: Rodrigo Popotic. Barueri/SP. Girassol. 2010

OLIVEIRA, Fatima. **Pontuando alguns mistérios da vida privada de Lewis Carroll.** Portal vermelho. 2012. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=4504&id_coluna=20>. Acesso em: 11 mar.2017.

OSWALD, Vivian. **“Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol, completa 150 anos encantando leitores e artistas.** O Globo. 2016. Meio digital. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/alice-no-pais-das-maravilhas-de-lewis-carroll-completa-150-anos-encantando-leitores-artistas-16235173>>. Acesso em: 03 mar.2017.

RODRIGUES, Daniel. **Anarquia na passarela: a influência do movimento punk nas coleções de moda.** Porto Alegre: Dublinense. 2012.

VASCONCELOS, Filomena Aguiar de. **Sentidos do não sentido: contributos para uma reflexão da escrita nonsense.** Porto: Revista da faculdade de letras. 1998.